

GT09: Antropologia das Emoções

Maria Claudia Coelho, Raphael Bispo

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidades. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer; h) emoções, sofrimentos e adoecimentos;

Do medo ao engajamento político: emoções e subjetividades a partir da militância materna entre integrantes do coletivo Mães pela Liberdade

Autoria: Maria Alice Magalhães da Silva Batista

O presente trabalho propõe reflexões tecidas a partir da interlocução com quatro integrantes do coletivo mineiro de mães e pais de pessoas LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e demais minorias de gênero e sexualidade), Mães pela Liberdade, realizada através de entrevistas em profundidade durante os anos de 2020 e 2021. Pretende-se refletir sobre os processos de adesão das Mães ao coletivo, bem como sobre as narrativas acerca das transformações em suas subjetividades a partir do engajamento político, abordando o modo como tais falas são permeadas por uma gramática das emoções. Destacou-se, por exemplo, como o medo quanto a possíveis violências que poderiam ser cometidas contra as/os filhas/os LGBTQ+ foi um impulsionador à entrada de tais mulheres na militância. Através das falas das interlocutoras, foi possível perceber como a participação em um grupo, o qual se coloca como parte de um movimento social, atuou enquanto uma espécie de "escola política" para tais mulheres, as quais passaram a vivenciar e agenciar reelaborações de suas subjetividades, que implicaram em reformulações de suas visões de mundo. A partir de intensa percepção e produção de discursos sobre suas emoções e relações familiares, a adesão à militância materna atuou na metamorfose da tessitura das subjetividades e relações dessas mulheres, em um processo "de dentro para fora", concomitante a outro "de fora para dentro". A "saída de dentro do armário" por parte das/dos filhas/os LGBTQ+ transformou, em diferentes níveis, as dinâmicas familiares, impulsionando essas mulheres rumo a atuação política para fora do espaço doméstico, a qual, por sua vez, operou na transformação das relações internas a tal âmbito, especialmente através do contato com a alteridade, corporificada nas vivências LGBTQ+ com as quais passaram a ter contato. Nesse sentido, pretendo abordar o processo de reinvenção da gramática materna, em que tais mulheres evocam em seus discursos e atuação, categorias como acolhimento, orgulho, amor, aceitação, liberdade e respeito, para assim construir estratégias de empoderamento e de defesa de seus/suas filhos/as e de si mesmas. Por fim, pretendo abordar o modo como a evocação dessas emoções deve ser pensada levando-se em consideração as construções sociais em torno da categoria maternidade, na medida em que tais mulheres se apropriam de um discurso que coloca determinadas emoções e atributos como inerentes às mães e à maternidade, para assim subvertê-lo em favor de sua luta pelos direitos dos/das filhos/das e de toda a comunidade LGBTQ+.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

